

O x do Oil & Gas

Na matemática, o x é uma variável que pode assumir qualquer valor cabível em uma equação ou inequação; é a grande incógnita da equação. No mundo real, a OGX, do empresário Eike Batista, indica que na equação de sucesso que vem formulando, a empresa que surgiu como um x da indústria de óleo e gás no Brasil, pode fazer esta incógnita alcançar valores grandiosos.

por Beatriz Cardoso

EM MENOS DE QUATRO meses de perfurações, fez oito descobertas, sendo uma na Bacia de Santos e sete na madura Bacia de Campos, onde duas delas já têm reservas estimadas em 900 mil a 2 bilhões de barris de petróleo.

E para obter tais resultados, a OGX conta com uma equipe de peso, comandada pelo geólogo Paulo Mendonça, uma das estrelas da Petrobras, da qual a OGX já 'extraiu' mais de uma centena de quadros altamente qualificados, incluindo o seu diretor de Desenvolvimento de Produção, Reinaldo Belotti.

Nessa dupla entrevista à **TN Petróleo**, os dois executivos, ambos com mais de 30 anos na Petrobras, falam das expectativas e dos preparos para a mais jovem companhia de óleo e gás do país iniciar a produção até o final de 2011, quando estará completando quatro anos. "Isso é a meta, mas o compromisso, aqui, é sempre se adiantar, se antecipar", pontua Mendonça.

TN Petróleo – Nos cinco anos em que você esteve à frente da exploração, na Petrobras, há uma curva ascendente de descobertas e reservas incorporadas, incluindo o pré-sal, em torno do qual gira a maior parte dos investimentos e expectativas. No entanto, na OGX, vocês investiram pesado na Bacia de Campos, onde já fizeram sete descobertas – e uma oitava, na Bacia de Santos. Isso mostra que a bacia ainda tem um grande potencial a se explorar?

Paulo Mendonça – Sem dúvida. A Bacia de Campos tem uma história muito interessante, principalmente a partir do momento em que se voltou para as águas profundas, com um grande índice de sucesso – mais baixo, de 1998 até 2002, é verdade, devido ao fato de as atividades exploratórias estarem mais no centro da Bacia de Campos. Quando se decidiu ir para o norte, tentando outros modelos, como o de Roncador (descoberto em 1996), chegamos ao parque das Baleias. A descoberta de Jubarte (2001) mos-

trou que o negócio é furar, descobrir e 'amarrar' as pontas, porque ficou claro que havia ainda muito mais do que esperávamos, inclusive o pré-sal. A grande verdade é o que diziam os antigos exploracionistas: 'O petróleo está onde ele se encontra'. E onde você o acha, é lá que você deve procurar, é onde vai ter mais.

É isso que a OGX tem mostrado, com sua estratégia de intensificar as atividades exploratórias e investir pesado na sísmica. Os resultados obtidos em tão pouco tempo será fruto de uma equipe altamente qualificada – só você tem 35 anos de Petrobras – ou existe um modelo de gestão arrojado?

Vários fatores pesam. Primeiro, é importante lembrar que estamos escrevendo um pouco a história de uma companhia que se levantou em dois anos e meio. Começamos em julho de 2007, quando eu saí da Petrobras (final de junho), montamos a empresa, fomos ao mercado, fizemos uma colocação privada, depois fo-



É IMPORTANTE LEMBRAR QUE ESTAMOS ESCRIVENDO UM POUCO A HISTÓRIA DE UMA COMPANHIA QUE SE LEVANTOU EM DOIS ANOS E MEIO. COMEÇAMOS EM JULHO DE 2007, MONTAMOS A EMPRESA, FOMOS AO MERCADO, FIZEMOS UMA COLOCAÇÃO PRIVADA, DEPOIS FOMOS PARA A NOVA RODADA DE LICITAÇÃO, QUANDO ADQUIRIMOS OS PRIMEIROS 21 BLOCOS EXPLORATÓRIOS.



mos para a nova rodada de licitação, quando adquirimos os primeiros 21 blocos exploratórios (nas bacias de Santos, Campos, Pará-Maranhão e Espírito Santo), pagando um total de R\$ 1.479.723.282,00 de bônus de assinatura. Fizemos o IPO (*sigla em inglês para oferta pública inicial*), que foi o maior da história da bolsa brasileira (com captação de 6,7 bilhões de reais). Conseguimos as licenças ambientais e fizemos toda a sísmica, contratando equipes de sondas no momento em que se dizia que era impossível: temos hoje cinco sondas contratadas. Começamos a

perfurar, descobrimos petróleo e estamos ainda com US\$ 4,5 bilhões em caixa.

Ou seja: continuam com recursos para manter este ritmo acelerado...

Isso é fantástico, sem dúvida. Mas se não houvesse um cidadão chamado Eike Batista, eu diria que nada disto tinha acontecido. A Petrobras é uma companhia de respeito absoluto, que fez grandes conquistas, teve gestores, principalmente na área de exploração, de altíssima qualificação, o que lhe permitiu consolidar uma base tecnológica de alto nível e descobrir gran-

des reservas, chegando até o pré-sal. Trabalhei 35 anos lá, motivo de grande orgulho. A questão de velocidade é que é diferente quando se trata de uma empresa privada. O Eike não só é o acionista principal: ele é o dono que zela, que cuida, que conhece de tudo. Primeiro, bancou a companhia no início com recursos próprios. Colocou US\$ 400 milhões e, depois, mais US\$ 400 milhões, até chegar a US\$1 bilhão. Quem no Brasil faz isso? Ninguém. Segundo, ele conversou comigo, francamente, acreditou em mim, em toda a equipe que trouxemos para cá. Enfim, isso é um grande diferencial.



E vale também para o mercado, para os investidores, certo?

Quando chegamos, não havia nada. O Eike Batista bancou tudo. E não só financeiramente. Eu me lembro quando fomos ao Canadá e aos Estados Unidos, eu e o Marcelo (*Marcelo Faber Torres, diretor de Relações com Investidores*), fazer uma primeira rodada: se tivéssemos ido sozinhos, ninguém teria nos recebido. Com o Eike, as pessoas nos receberam e ouviram o que tínhamos a dizer sobre este projeto. Ou seja: ele deu credibilidade, não apenas o dinheiro; desfrutava de grande credibilidade junto aos acionistas do mundo todo. Um negócio que eu nunca vi. Sem ele, a OGX não existiria. Parece que foi fácil, mas não foi. Ficou fácil com ele. Agora, é um empresário arrojado e exigente: prazo, com ele, tem de ser cumprido. De preferência, ser antecipado. Todos estes fatores nos possibilitaram fazer o que fizemos em dois anos e meio.

Qual é o próximo passo?

Produzir! Esse é o momento em que estamos. Tivemos sorte? Não! Fizemos boas escolhas. Pagamos caro: fizemos uma sísmica 3D, de altíssima qualidade, temos os melhores especialistas do mundo analisando os dados, utilizamos a mais alta tecnologia. Foi a soma de conhecimento



COM O EIKE BATISTA, AS PESSOAS NOS RECEBERAM E OUVIRAM O QUE TÍNHAMOS A DIZER SOBRE ESTE PROJETO. OU SEJA: ELE DEU CREDIBILIDADE, NÃO APENAS O DINHEIRO; DESFRUTA DE GRANDE CREDIBILIDADE JUNTO AOS ACIONISTAS DO MUNDO TODO.



e tecnologia. Não tenho dúvidas de que apenas iniciamos as descobertas na Bacia de Campos. E não adianta dizer que fizemos descobertas por estarmos em áreas próximas à da Petrobras, pois fomos mais além. Há quatro meses eu disse que todos os elementos que constatamos no centro da Bacia de Campos estavam no sul e em água rasa. As descobertas comprovaram isso: as reservas de óleo estão a 2.000 m, 2.100 m de profundidade, mas em águas rasas, de 130 m, a menos de 80 km da costa. O óleo é pesado, mas com viscosidade muito baixa, que permite altíssimas vazões.

A primeira descoberta, feita pelo poço OGX-1 (prospecto Vesúvio), no bloco BM-C-43 (Bacia de Campos), está estimada entre 500 milhões e 1,5 bilhão de barris de óleo equivalente (boe). Já o poço OGX-2A (prospecto Pipeline), no bloco BM-C-41 (Bacia de Campos) fez cinco descobertas em diferentes seções, uma delas com volume estimado de 400 milhões e 500 milhões de boe. Ou seja, até ago-

ra, vocês têm algo em torno de 900 a 2 bilhões.

Estes números da primeira descoberta (OGX-1) são conservadores, pois essa é a nossa cultura. Mas temos reservatório se estendendo por 14 km e colunas de óleo de 500 metros. Então, não podemos esperar nada menos que um bilhão em um campo deste porte. Com relação à segunda descoberta, repare que nós, primeiro, anunciamos indícios. Até nisso temos cautela. Quando anunciamos a descoberta é porque já vimos o óleo, a vazão deste o óleo. Por isso continuamos a perfuração, indo mais além, pois a expectativa é muito grande.

Você falou em óleo pesado. De quantos graus API?

Algo entre 17 e 18º API, com RGO (razão-gás-óleo) na faixa de 50, e uma viscosidade, fantástica, entre 5 e 30 centipoise – os óleos pesados, normalmente, têm entre 400, 300 centipoise. E uma permeabilidade altíssima – de 1 a 3 darcy. Podemos esperar um negócio fantástico.

A ideia é começar a produção em 2011 ou dá para acelerar?

O cronograma é final de 2011. Se pudermos antecipar, melhor.

Vocês ampliaram a campanha exploratória de 51 para 79 poços. Por quê?

Temos R\$ 7,8 bilhões em caixa para financiar todo o Capex de exploração, a produção inicial, novos *farm-in* ou oportunidades de aquisições. A sísmica ajudou a melhorar muito os nossos números: passamos de 4,8 bilhões de boe de recursos potenciais riscados para 6,7 bilhões de boe (e 212 milhões de boe de recursos contingentes), de acordo com os dois últimos relatórios da DeGolyer & MacNaughton (empresa americana de consultoria em certificação de reservas no setor de petróleo e gás natural, que considerou uma probabilidade média de sucesso de 34,5% nas operações da OGX). Com



os novos números torna-se necessária uma campanha exploratória diferente, porque se vai ter também uma curva de produção diferente. Certamente é preciso contratar mais sondas, mais sísmicas. As cinco sondas contratadas estavam adequadas ao projeto que tínhamos antes. Agora, estamos avaliando quantas delas serão necessárias. Isto vai estar no nosso plano de negócios a ser fechado neste final de ano. Uma coisa é certa: vamos precisar de sonda para a Bacia Pará-Maranhão, *onshore* e *offshore*.

A sísmica 3D é o grande diferencial? Quanto vocês já gastaram nela?

Cem milhões de dólares.

Desde que foi formada a OGX, em 2007, até hoje, quanto foi gasto, em termos de investimentos totais, tanto na aquisição de áreas como na exploração?

Os números são expressivos: entre US\$ 1,1 a 1,6 bilhão. E aí entra a genialidade das pessoas. Quando saímos do IPO tínhamos US\$ 4,6, a 4,7 bilhões. O dólar disparou e houve aquela confusão, com todo mundo querendo fazer *hedge*. O Eike falou que íamos esperar, que devíamos acreditar em nossa moeda. Isso foi feito e hoje temos ainda US\$ 4,5 bilhões em caixa, apesar de todos os gastos já efetuados, principalmente em sísmica. Foi uma aposta correta. Quem decidiu, no ano passado, não investir no real e investir em dólar perdeu 40% do dinheiro. Claro que estamos atentos a eventuais mudanças. Em se tratando de petróleo não se pode brincar.

Fazer novas aquisições faz parte da estratégia de vocês? Há gente vendendo ativos?

Sem dúvida, mas tem uma coisa: na hora que a gente comprar uma companhia, ou um bloco, tenha certeza de que estaremos vendo alguma coisa. Não agregamos quantidade, só qualidade. Estamos analisando tudo o que acontece no mercado.

O IMPORTANTE É DESCOBRIR AS OPORTUNIDADES E CUMPRIR AS REGRAS. A EMPRESA QUE ESTÁ MAIS PREOCUPADA COM TODA ESTA MUDANÇA É A PETROBRAS.



Vocês analisam também oportunidades lá fora?

É um assunto que internamente se discute muito. Primeiro, há os fatores políticos. No Brasil temos uma estabilidade política e econômica. Na hora de avaliar qualquer investimento lá fora, isso será analisado: a estabilidade política e econômica, o potencial exploratório, olhando cada possibilidade com outros olhos. Estou há 37 anos nesta lida e sei que é fundamental ver sob outra ótica, diferente de quem já está atuando naquele local. O importante é que não temos medo. E temos recursos disponíveis para fazer negócios. Mas não esperem que a OGX vá atrás de um campo de 500 mil barris, 1 milhão de barris. Não é essa nossa esfera de atuação. Queremos coisas maiores. Se aparece um bloco em terra, onde entendemos que o risco é palatável e há possibilidades de descobrir coisas grandes, pode esperar que vamos estar lá. Em terra ou no mar.

Com toda esta experiência, você concorda que as bacias brasileiras estão sendo mal exploradas?

Não tenho dúvida. Não é que sejam mal exploradas. Elas até que foram bem exploradas. Ocorre que, durante décadas, somente a Petrobras atuou nesta área. E mesmo recentemente, as companhias que vieram para o Brasil acabavam, na

maioria das vezes, se associando a ela. Era só uma 'cabeça' pensando. Tem que ter umas cinco 'cabeças' pensando na exploração das bacias brasileiras. A OGX tem o mérito de ter colocado uma nova 'cabeça', com outro modelo de gestão, pensando no assunto. O Brasil ganhou muito com isso. E não há dúvidas de que vai se descobrir muito mais nestas bacias. Precisava de mais umas quatro empresas com esta cabeça para passar a limpo todas estas bacias.

O marco regulatório, preocupa, cria instabilidade?

O importante é descobrir as oportunidades e cumprir as regras. A empresa que está mais preocupada com toda esta mudança é a Petrobras. Eu, como Petrobras, não gostaria de ser obrigado a ter 30% de todos os blocos do pré-sal e ser a operadora. Se nos fosse oferecido isso, íamos chegar para o acionista majoritário e dizer: não dá. Quero ter o direito de escolher para onde vou, seja para ganhar ou perder. As cabeças que acharam que estavam defendendo a Petrobras, não estão beneficiando a empresa. Isso pode causar mais danos que benefícios, pois a obriga a se concentrar no pré-sal, a deixar de lado áreas que ela considerava, pelo menos no ponto de vista filosófico, prioritária. Ela vai ter que focar no pré-sal. Vamos analisar o que vai ser aprovado e, à luz desta decisão, chegar a algumas conclusões, se interessa ir para o pré-sal ou não. Não existe apenas o pré-sal. Existe água rasa, água profunda, margem equatorial. Infelizmente poucos são os empresários como o Eike, que não têm medo de risco.

É muito cedo para a empresa entrar em outros segmentos da cadeia produtiva do petróleo e gás, como o refino?

No caso da OGX, não tenha dúvida: ela vai ser uma companhia de exploração e produção (E&P). ■

Antecipação com TLD

No comando da diretoria de Desenvolvimento de Produção da OGX, o engenheiro elétrico Reinaldo Belotti tem tudo planejado para a OGX começar a produzir até o final de 2011. Ou antes, se as coisas continuarem no mesmo ritmo na empresa.

“O EIKE BATISTA TEM um senso de urgência que contagia todo mundo”, revela o executivo que já ocupou diversos cargos executivos em mais de 30 anos de Petrobras, incluindo a gerência executiva de Serviços de E&P e ainda de Produção da Bacia de Campos, além da presidência da Petrobras America Inc. e a diretoria da Rede de Postos de Serviços da Petrobras Distribuidora. Perseguindo a meta da antecipação, ele revela que todos os projetos de desenvolvimento dos campos descobertos até agora serão feitos com completação seca, evitando a dependência de sondas dedicadas. E antecipa que poderá utilizar Teste de Longa Duração (TLD) e completação molhada para testar reservas, se isso agilizar o início da produção.

TN Petróleo – Vocês ampliaram a campanha exploratória, aumentando de 51 para 79 o número de poços a perfurar até 2013. O que isso representa?

Reinaldo Belotti – Representa, em primeiro lugar, a possibilidade de ter muito mais óleo e gás nos nossos blocos do que antes. Só vamos fazer isso porque as reservas e indícios encontrados revelam que temos mais chances de fazer novas descobertas. Essa é a parte produtiva do negócio. Reflete também o senso de urgência do nosso CEO, Eike Batista, de fato, contagiante.

Vocês já têm cinco sondas contratadas: pretendem contratar quantas mais?

Na realidade, precisávamos apenas de quatro sondas para os 51 poços pre-

vistos no início. A contratação da quinta sonda já foi uma antecipação, pois começamos a perceber a necessidade de poços adicionais. Temos uma série de possibilidades. Podemos, simplesmente, usar as sondas contratadas para furar mais poços e nos anteciparmos mais uma vez, trazendo mais equipamentos. Ainda está em aberto. Estamos analisando todas as possibilidades. As principais empresas prestadoras deste tipo de serviço têm nos procurado, impressionadas com a velocidade extraordinária com que passamos pelas diversas etapas, sem problemas. Em pouco mais de dois anos a empresa foi criada, contratamos sondas, fizemos a primeira campanha exploratória, perfuramos e descobrimos petróleo. Eles percebem que há uma grande oportunidade de negócio e também o senso de urgência da direção.

As oito descobertas – duas com reservas estimadas e seis indícios – mostram que vocês fizeram a escolha certa, tanto na aquisição de ativos como nas decisões operacionais e tecnológicas?

Sim... e não poderia ser de outra maneira. Temos uma equipe que conhece essas bacias como a palma da mão; são os melhores profissionais do setor na área de E&P. E escolhemos os melhores parceiros: dentre os 15 principais fornecedores de bens e serviços da OGX, todos são ponta de linha no mundo. Estamos utilizando o que há de melhor em recursos humanos e tecnologia, pois deixamos de ter a limitação do menor preço, e trabalhamos basicamente em



águas rasas, com tecnologia conhecida, desenvolvida. Então, não tinha por que não dar certo.

Nesse ritmo acelerado, você já definiu o modelo que vai utilizar no desenvolvimento destes campos? Há alguma novidade ou inovação?

Os modelos que vamos utilizar já foram desenvolvidos, testados e bem sucedidos. Vamos usar poços horizontais, pois temos os melhores engenheiros de perfuração e toda a *expertise* e tecnologia necessária para isso. Sabemos exatamente como fazer. E nosso sistema de produção vai se basear em completação seca. Vamos fugir da completação submarina, que poderá ser usada em caso de antecipação da produção, para testar algum reservatório. No geral, o desenvolvimento da produção final vai ser com a completação seca, com alto conteúdo nacional, pois temos fornecedores altamente qualificados para isso no Brasil. Mesmo quando formos para águas mais profundas, vamos tentar trabalhar com este modelo, para fugir da dependência de sondas dedicadas, necessárias para a manutenção das operações.

Você falou em antecipação da produção. Os TLDs, largamente utilizados pela Petrobras, também podem vir a ser usados pela OGX?

Vamos analisar esta possibilidade.

A meta é produzir o primeiro óleo até final de 2011. Mas, se der, vocês vão antecipar?

Sim. E o TLD é uma das possibilidades. Claro que precisaremos de autorização da ANP, além de equipamentos e embarcações disponíveis etc. O TLD é uma maneira de conhecer melhor o reservatório e fazer um desenvolvimento final da produção, com mais segurança.

Com toda a experiência acumulada, vocês não pensaram em testar algo novo ou uma solução diferenciada?

Em termos de tecnologia, não vamos utilizar nada inovador. O mais importante é o modelo de gestão: a escolha de pessoal, parceiros, a terceirização controlada e o senso de urgência. Uma característica dessa empresa é a velocidade que consegue imprimir aos seus negócios. Não queremos inovar, mas fazer com rapidez e segurança. Se você olhar todas as fases pelas quais essa empresa já passou e comparar com qualquer outra do mundo, do mesmo porte e que atue na área *offshore*, verá que, de fato, estamos usando vários atalhos, mas com segurança.

Você tem enfatizado o fator tempo... Em quantos dias vocês perfuraram o primeiro poço?

Quarenta e poucos dias. E com todos os testes que precisavam ser feitos! E lembre-se que contratamos quatro sondas em apenas dois meses, assim como todos os parceiros, para fazer a cabeça do poço, revestimento etc.

Os resultados obtidos indicam que a Bacia de Campos pode ser redescoberta?

O que aconteceu foi que, com o passar do tempo e a experiência acumulada nesta bacia, o conhecimento foi se ampliando. Na sísmica que fizemos na área mais ao sul da Bacia de Campos, de difícil visualização devido aos vulcões submarinos, reinterpretemos os dados. E pelos resultados obtidos com os primeiros poços que estamos furando, vemos que o nosso pessoal de exploração estava coberto de razão. Por isso temos ali uma campanha exploratória maciça: dos 71 poços que serão perfurados pela OGX até 2013, 40 são nessa bacia.



ESTAMOS UTILIZANDO O QUE HÁ DE MELHOR EM RECURSOS HUMANOS E TECNOLOGIA, POIS DEIXAMOS DE TER A LIMITAÇÃO DO MENOR PREÇO.



Campos é estratégica?

É uma bacia mais conhecida, por isso o risco é bem menor. Até porque precisamos testar nossa equipe, nosso procedimento. Mas logo iremos fazer a mesma coisa na Bacia de Santos e do Maranhão.

Óleo ou gás: qual é prioridade para a OGX?

O que vem primeiro é a oferta. A partir daí são criados os grandes negócios. O principal é o óleo, mas o gás vai ser muito bem vindo, pois temos uma sinergia muito grande com a MPX, na geração de energia.

Vocês estão em Parnaíba porque existe uma térmica lá?

A MPX é nossa parceira lá. E temos em nossa equipe uma das pessoas que mais entende de gás no país – o José Brito de Oliveira, o engenheiro que estava embarcado no primeiro óleo da Bacia de Campos, na plataforma de Enchova.

Se descobrirem gás, qual será o modelo de escoamento: gasoduto marítimo, liquefação?

Estamos estudando todas as possibilidades. E há várias. Acreditamos que a probabilidade maior de gás está nas bacias de Santos e do Espírito Santo,

onde há outros aspectos como licença ambiental, distância de costa etc. Enfim, há uma série de parâmetros que precisam ser analisados.

Quais são os maiores desafios? A licitação, o licenciamento ambiental, a contratação de equipamentos? Onde vocês estão avançando e ampliando suas operações?

Eu diria que, hoje, o maior desafio é o marco regulatório. Mas não é um desafio nosso. Precisamos apenas saber o que virá pela frente. Quanto à licitação, depois da Nona Rodada, não houve mais leilão. O que é sempre uma dificuldade. Mas conseguimos resolver isso com a aquisição de áreas já licitadas, como a de Parnaíba.

Não há dificuldade de contratação de equipamento?

Isso é mais fácil. A dificuldade está no conteúdo local. É algo que todos estão trabalhando para compreender melhor. Mas o grupo está se preparando para isso. Criou a OSX, com um estaleiro em Santa Catarina, que tem como principal objetivo garantir o conteúdo local que ofertamos na Nona Rodada, na construção das unidades *offshore*. Estamos nos preparando para ir ao mercado fazer as licitações necessárias. Quem fará tudo isso é a OSX, agora em 2010.

Com quantas plataformas a OGX pretende chegar a 2015?

Isto não foi discutido.

Quando vocês vão intensificar a campanha exploratória da Bacia de Santos, que deverá ter 18 poços perfurados até 2013?

Já estamos com tudo pronto. No começo do ano vamos para Santos. E até 2013 está prevista a perfuração dos poços nas bacias do Espírito Santo (sete poços), Pará-Maranhão (sete) e Parnaíba (sete).

Vocês pretendem chegar a cenários mais profundos? Até o pré-sal?

Pretendemos explorar nossos blocos em sua totalidade. O que houver na nossa área, vamos explorar. Temos uma equipe que já perfurou o pré-sal e conhece muita coisa. ■